



Artigo submetido em 18/05/2026, aceito em 23/07/2026

Turismo, segregação socioespacial e revolução urbana periférica no Complexo Baianão em Porto Seguro, Bahia

Tourism, Sociospatial Segregation and Peripheral Urban Revolution in the Baianão Complex in Porto Seguro, Bahia

Jean Carlos Estanislau Ferreira¹

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
e-mail: jean.estanislau.137@ufrn.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6731-1152>

Carolina Todesco²

² Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Efetiva na
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
e-mail: caroltodesco@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0781-0869>

Resumo

Este estudo tem por objetivo compreender de que forma os movimentos sociais de resistência do Complexo Baianão, a maior periferia de Porto Seguro (Bahia), contribuem para o enfrentamento da segregação socioespacial induzida pela urbanização turística na cidade. Fundamentada no materialismo histórico-dialético, sob o aporte teórico de David Harvey e Henri Lefebvre, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar. O percurso metodológico envolveu a aplicação de questionários estruturados, a realização de entrevistas semiestruturadas, observação não participante e análise de conteúdo categorial. Os resultados revelam que esses coletivos operam por meio de intervenções culturais, pedagógicas e políticas, como saraus, rimas, cursinhos populares e pleitos institucionais, contestando o subemprego, o racismo estrutural e a invisibilidade decorrentes do turismo mercantilizado. Conclui-se que essas táticas de resistência configuram formas de revolução urbana, pois promovem a apropriação popular do espaço e fortalecem a identidade periférica, reivindicando o direito à cidade. Nesse sentido, as contribuições teóricas deste estudo propiciam um novo prisma analítico para os estudos urbanos.

Palavras-chave: direito à cidade, resistência territorial, espaço urbano mercantilizado, periferia urbana.

Abstract

This study aims to understand how social resistance movements in the Baianão Complex the largest peripheral area of Porto Seguro (Bahia) contribute to confronting the socio-spatial segregation driven by tourism-led urbanization in the city. Grounded in historical-dialectical materialism and drawing on the theoretical frameworks of David Harvey and Henri Lefebvre, the research adopts a qualitative, interdisciplinary approach. The methodological process involved administering structured questionnaires, conducting semi-structured interviews, performing non-participant observation, and carrying out categorical content analysis. The results reveal that these collectives operate through cultural, pedagogical, and political interventions such as poetry gatherings, spoken-word performances, grassroots educational programs, and institutional advocacy challenging the underemployment, structural racism, and invisibility resulting from commodified tourism. The study concludes that these resistance tactics constitute forms of urban revolution, as they foster popular appropriation of space and strengthen peripheral identity, thereby asserting the right to the city. In this regard, the study's theoretical contributions offer a new analytical perspective for urban studies.

Keywords: right to the city, territorial resistance, commodified urban space, urban periphery.



Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v.15, n. 01, e270596, p. 01-21, 2026.
Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2238-8052.
<https://doi.org/10.51359/2238-8052.2026.270596>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: [Licença Creative Commons 4.0 Internacional - CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



1 Introdução

O desenvolvimento é geograficamente desigual, em suas múltiplas escalas, derivado da divisão territorial do trabalho em que os espaços passam a interessar a reprodução do capital de forma seletiva nos diferentes momentos e ritmos (Harvey, 2014).

Nesse sentido, a urbanização turística é uma forma de inserir os lugares na economia global ao se tornarem produtos de consumo e canal de absorção de capital excedente. No caso do Brasil essa urbanização pôde ser percebida a partir do final do século XX de forma mais intensa nas zonas de praia, massificando-se como turismo litorâneo iniciado pelas elites e reproduzido pela classe média (Harvey, 2014; Fonseca et al., 2022).

Esse modelo de urbanização resultou na segregação socioespacial, uma forma espacial fruto da acumulação flexível da era neoliberal com domínio territorial por parte de grupos empresariais hegemônicos. Esses grupos colaboram para exclusão social, dando origem a novos territórios com mais ou menos políticas públicas de inclusão, como guetos e periferias, utilizados para separar e limitar a população com base em questões raciais/étnicas, sociais e econômicas (Harvey, 2014; Oliveira e Tarifa, 2022).

Essa é a realidade de Porto Seguro, município no extremo sul do estado da Bahia, região denominada de Costa do Descobrimento, o segundo principal destino turístico baiano, depois da capital, Salvador. Conforme o Ministério do Turismo (MTur) em 2026 Porto Seguro estava entre os 5 destinos mais procurados durante o período de alta temporada no país (Brasil, 2026).

No entanto, distante desta perspectiva de destino turístico, existe um outro Porto Seguro, invisível aos olhos dos turistas e da própria gestão pública, tal como o conjunto dos bairros Casas Novas, Frei Calixto, Mercado do Povo, Paraguai, Parque Ecológico, Vila Valdete, Vila Jardim, Vila Vitória e Vila Parracho, que formam o Complexo Baianão, com mais de 60 mil habitantes, em sua maioria de classe média baixa (Oliveira, 2022).

O Complexo Baianão surgiu a partir do final da década de 1980 com o desenvolvimento do turismo no município que atraiu pessoas advindas da região cacauceira em busca de trabalho, repelidas para a periferia, assim como os próprios moradores locais que foram repelidos para esse conjunto de bairros após a transformação das áreas urbanas centrais em territórios de consumo e lazer (Oliveira, 2022).

Na contemporaneidade o Complexo Baianão é a área mais populosa de Porto Seguro, população em sua maioria negra e descendente dos povos indígenas regionais, com incipientes opções de lazer, baixa infraestrutura e poucas políticas públicas urbanas. É formado por bairros propositalmente escondidos pela Mata Atlântica na parte alta da cidade, divididos e separados dos espaços turísticos pelos estratos econômicos, sociais e culturais que caracterizam essa população como periférica.

O Complexo Baianão abriga a mão de obra de trabalhadores dos empregos e subempregos do turismo, fruto da segregação socioespacial que aparta o município de Porto Seguro. De um lado os bairros de residência e moradia precarizados e a população culturalmente renegada e do outro lado os espaços forjados para atender as demandas do consumo turístico.

A ação de empresas, em especial do setor imobiliário e financeiro, com auxílio do poder público, comanda o ordenamento do território para o uso turístico; delimita os espaços convenientes para exploração de recursos; expulsa moradores por meio de processos de gentrificação; explora a mão de obra da classe trabalhadora; marginaliza e segrega os moradores, por meio do controle do tempo e espaço (Harvey, 2014; Araújo; Santos, 2022).

Tal realidade não abarca apenas Porto Seguro, mas uma série de outros municípios turísticos, de pequeno, médio e grande porte, que convivem com os mesmos problemas (Araújo; Santos, 2022).

Mas, em contraposição tem-se a resistência por parte dos afetados pelas relações desiguais de força e poder. A resistência ocorre de várias formas, Lefebvre (1999; 2001) e Harvey (2014) a nomeiam de revolução urbana, quando indivíduos e grupos sociais mais desfavorecidos somam forças em movimentos que reivindicam direitos básicos, mas para além disso, buscam uma outra cidade, mais justa, igualitária e representativa para seus habitantes.

A resistência por meio da revolução urbana é feita pelos grupos segregados e oprimidos e se dá por intermédio de movimentos populares e periféricos. Esses grupos buscam a retomada e ocupação de espaços tomados através de manifestações, atos culturais de valorização da identidade periférica, ocupação política, formação educacional e autonomia socioterritorial (Pinassi, 2023; Tesfahuney; Ek, 2024).

Harvey (1989; 2014) e Lefebvre (1999; 2001) defendem a urgência de pensar a cidade sob novas bases e novos fundamentos revolucionários e considera que somente os grupos de classes oprimidas serão capazes de dar fim à segregação urbana.

No caso do Complexo do Baianão, como área periférica de Porto Seguro, foi possível identificar movimentos sociais de resistência, tais como: Ateliê Cultivo de Poesia, Batalha do Complexo, Brasil Chama África, Café dos Pretus, Coletivo Jovem Muká Mukaú, Lambe Lambe Porto Seguro, Levante Popular da Juventude Porto Seguro, Movimento LGBTQIAPN+, Rua Juventude Anticapitalista e Sarau Odara que buscam a revolução em prol das periferias.

Desta maneira o objetivo deste estudo é compreender de que forma os movimentos sociais de resistência do Complexo Baianão, a maior periferia de Porto Seguro/BA, contribuem para o enfrentamento da segregação socioespacial induzida pela urbanização turística na cidade.

O estudo apresenta inicialmente uma contextualização do processo de urbanização turística, segregação e revolução, após isso, traz os procedimentos metodológicos adotados, os resultados e discussões e por fim as considerações finais.

2 Urbanização turística, segregação e revolução urbana

Em alguns municípios, devido ao desenvolvimento geográfico desigual (na escala interurbana, intra-regional, inter-regional, nacional e internacional), a industrialização não chegou a ser um vetor de urbanização. Algumas localidades tiveram a sua urbanização mais tardia vinculada ao setor terciário, como é o caso da urbanização turística de Porto Seguro (Mullins, 1999; Harvey, 2014; Fonseca *et al.*, 2022).

Conforme Mullins (1999), a urbanização turística é a urbanização influenciada pelos interesses ligados ao consumo do lazer da pós-modernidade ou pós-fordismo, diferenciando-se dos processos de urbanização relacionados à produção industrial.

Cabe destacar que o Estado assume um papel relevante na urbanização turística, em especial nos países periféricos, buscando atrair o capital privado e acomodar os interesses deste com o menor risco possível (Araújo; Santos, 2022).

Geralmente a urbanização turística transforma o padrão sociocultural, ambiental e econômico com o advento da atividade turística e a promessa de desenvolvimento socioeconômico que transforma o espaço e promove a segregação socioespacial (Mullins, 1999; Araújo; Santos, 2022; Tesfahuney; Ek, 2024).

Desse modo, observam-se os processos de desenvolvimento desigual que culminam na segregação: economia global capitalista sustentada pela parcela hegemônica, livre abertura para as empresas no estado neoliberal que interfere no cotidiano dos indivíduos por meio do mundo do trabalho, desarticulando as leis trabalhistas e contratos (Harvey, 1980; 1989; 2014).

Há o domínio territorial pelos grupos empresariais, transformação do solo em mercadoria, favorecimento dos diversos usos do solo ao longo do espaço-tempo para obtenção de lucro, elevação da desigualdade social e consequentemente a segregação socioespacial (Harvey, 1980; 1989; 2014).

As áreas segregadas de destinos turísticos se formam como territórios à margem, carentes de infraestrutura física, carentes de serviços e de políticas públicas, vulneráveis as materializações da desigualdade social: baixa escolaridade, criminalidade, empregos precários e ainda mais vulneráveis às crises contemporâneas, como pandemias e as mudanças climáticas (Tanaka, 2006; Reis, 2021; Pinassi, 2023).

Esses espaços segregados são a marca da injustiça econômica. Além disso, demonstram a segregação associada a outros aspectos, como as características socioculturais, relacionadas à raça, gênero, orientação sexual, posição política, cultura e modo de vida, onde os indivíduos que fogem do padrão eurocêntrico também ocupam locais marginalizados e periféricos (Tanaka, 2006; Reis, 2021; Pinassi, 2023).

Nesse sentido, Lefebvre (2001) em *O Direito à Cidade*, aborda que a cidade deveria ser o lugar de manifestação das necessidades humanas, que são construídas e reconstruídas entre passado, presente e futuro. As ruas deveriam ser a projeção das artes que fazem com que os indivíduos sintam-se representados e realizados. Para o autor a cidade tornou-se dispersa, assume um outro papel, de cunho econômico, estético e hierárquico, de maneira a anular a necessidade de muitos.

Lefebvre (1999; 2001) afirma ser premente pensar novamente a cidade, sob novas bases e novos fundamentos revolucionários, por um outro homem: o homem da sociedade urbana.

Em perspectiva similar, para Harvey (2014) a vida comunitária foi desintegrada e as atividades de comum sobrevivência foram mercantilizadas, as vilas cederam lugar aos subúrbios, as rodovias, os apartamentos, bairros inteiros foram demolidos e reprojitados, algo que segundo ele provoca inevitáveis sentimentos de perda.

Esse sentimento de perda leva ao que o autor chama de cidadania insurgente, relacionado às lutas pela reconfiguração das características da vida urbana. Fator que “tem inspirado muitas pessoas a buscar algum tipo de resposta a um capitalismo internacional brutalmente liberalizante que vem intensificando sua agressão às qualidades da vida cotidiana” (Harvey, 2014, p. 14).

Assim, os movimentos de luta pela cidade surgem como uma súplica de uma cidade disfuncional, feita por aqueles que são os mais atingidos: oriundos de bairros pobres e periféricos, o proletariado, que David Harvey nomeia como precariado, pessoas negras, em especial as mulheres, pessoas sem teto e a comunidade LGBTQIAPN+ (Harvey, 2014).

Ao citar sobre esse homem que fará a revolução urbana, Henri Lefebvre menciona como a principal característica ser aquele que vive a vida social, o cotidiano complexo das cidades, o trabalhador e proletariado, conhecedor das mazelas reais da cidade. São pessoas que podem propor, abrir e testar novos caminhos, bem como podem também fracassar e aprender com isso, podem iniciar a revolução individualmente e somar forças em grupo (Lefebvre, 2001).

Apenas os grupos de classes oprimidas e segregadas serão capazes de dar fim à segregação. Não obstante, “as classes sociais capazes de iniciativas revolucionárias podem se encarregar das, e levar até a sua plena realização, solução para os problemas urbanos” (Lefebvre, 2001, p.113).

Esses movimentos revolucionários tratam de abolir as estratégias e ideologias dos grupos dominantes e buscam dar centralidade e poder à voz popular, descentralizando a decisão dos núcleos opressores capitalistas, promovem a integração social e trazem um horizonte para uma sociedade coletiva (Lefebvre, 2001).

Para Lefebvre (1999) a classe operária é o sujeito, a cidade o objeto e a revolução uma missão histórica no ambiente urbano com a luta pelos direitos dos cidadãos.

3 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa trata seu objeto de estudo sob a perspectiva teórica-filosófica do materialismo histórico-dialético, ancorada nas teorias de David Harvey e Henry Lefebvre referentes à revolução urbana.

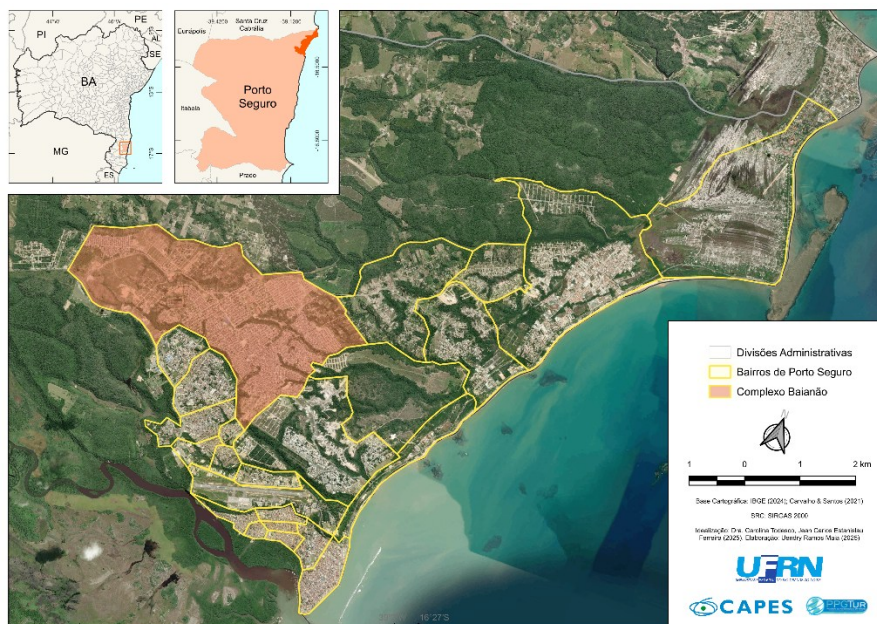
As bases teóricas para analisar a necessidade e as possibilidades de revolução urbana encontram-se nas obras “A justiça social e a cidade”, “A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural” e “Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana” de Harvey (1980; 1989; 2014), como também nas obras “A Revolução Urbana” e “O direito à cidade” de Lefebvre (1999; 2001).

A partir de Harvey (1980; 1989; 2014) e Lefebvre (1999; 2001) e de outros autores que discutem segregação socioespacial, periferia e movimentos de resistência, tais como Reis (2021), Pinassi (2023), Tanaka (2006), foram elencadas as seguintes categorias analíticas: I. cidadão revolucionário insurgente; II. valorização da cultura e identidade periférica; III. ocupação e uso popular dos espaços urbanos e; IV. ocupação popular política, como método para compreender a ação dos movimentos sociais periféricos e sua influência na resistência urbana.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, tendo como foco os movimentos de resistência situados no conjunto de bairros que formam o Complexo Baianão (figura 1), a maior e mais populosa periferia da cidade de Porto Seguro no estado da Bahia.

A abordagem qualitativa e interdisciplinar foi utilizada pois contribui para compreensão e interpretação detalhada do comportamento humano. O método é interpretacionista e entende que existe uma construção dos sentidos por parte dos indivíduos que não pode ser analisada exclusivamente por meio de procedimentos matemáticos (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023).

Figura 1 – Mapa do Complexo Baianão em Porto Seguro/BA - recorte espacial da pesquisa



Fonte: Base cartográfica IBGE, 2024.

Elaboração: Autores, 2025.

Após a definição do lócus de estudo se fez necessário identificar os movimentos de resistência existentes e atuantes no Complexo Baianão. Desse modo, entre os meses de fevereiro e abril de 2024 foi aplicado um questionário estruturado online via Google Formulários em comunidades virtuais de redes sociais e grupos de mensagem instantâneas de Porto Seguro no intuito de identificar quais eram os movimentos de resistência do Complexo Baianão, suas formas de atuação e aderência a pesquisa, bem como o interesse e disponibilidade em participar do estudo.

Os movimentos foram escolhidos com base nos seguintes critérios: 1) movimentos, indivíduos, grupos e/ou coletivos atuantes no Complexo Baianão, o recorte espacial dessa pesquisa; 2) movimentos urbanos diversos (negro, LGBT, feminista, ecossocialista, anticapitalista, indígena, quilombola, trabalhista, luta pela terra e direitos) que colaboram para a revolução urbana conforme as teorias de Lefebvre (2001) e Harvey (2014) e, desenvolvem ação social, cultural, econômica e política em oposição a segregação socioespacial e as desigualdades em Porto Seguro.

Além disso, cabe destacar que o recorte temporal da pesquisa abarca os movimentos sociais existentes e ativos desde o período da formação histórica do Complexo Baianão, a partir do final da década de 1980 até a data de coleta dos dados, ou seja, no ano de 2024.

Desse modo, ao todo foram selecionados 10 movimentos que responderam o questionário e se encaixaram nos critérios propostos, sendo eles: 1) Ateliê Cultivo de Poesia; 2) Batalha do Complexo; 3) Brasil Chama África; 4) Café dos Pretus; 5) Coletivo Jovem Muká Mukáú; 6) Lambe Lambe Porto Seguro;

7) Levante Popular da Juventude Porto Seguro; 8) Movimento LGBTQIAPN+; 9) Rua Juventude Anticapitalista; e 10) Sarau Odara.

A partir disso, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os representantes desses movimentos identificados entre os dias 10 a 30 de setembro de 2024, sendo 7 presenciais e 3 por videoconferência através do Google Meet. Houve ainda a observação não participante do pesquisador em algumas ações desses movimentos de resistência, bem como no próprio conjunto de bairros do Complexo Baianão, com anotações em diário de campo e registro fotográfico que colaboraram para enriquecer as informações coletadas nas entrevistas.

Para Oliveira, Guimarães e Ferreira (2023), a entrevista semiestruturada e a observação são técnicas de pesquisa qualitativa, pois o fenômeno é estudado dentro de um contexto em que os participantes estão inseridos. Os autores compreendem que essas técnicas têm por objetivo captar percepções, sentidos, ideias e ações por meio dos processos emocionais oriundos da interação pesquisador/entrevistado, no caso da entrevista, e da visualização técnico-científica, no caso da observação, com fins de aprofundar os temas de interesse da pesquisa.

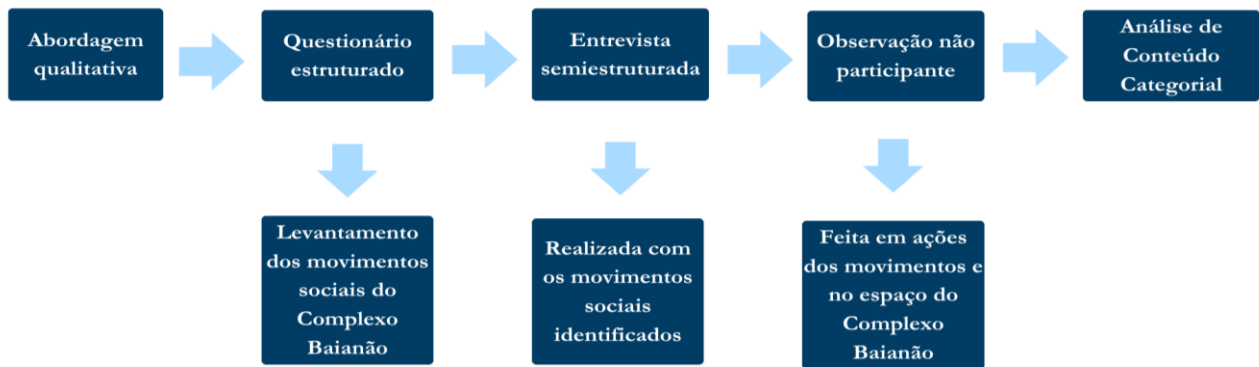
Por fim, foi utilizado a análise de conteúdo categorial para interpretar os dados coletados por meio das técnicas citadas (entrevista semiestruturada e observação não participante) respeitando as fases metodológicas da pré-análise, análise do material, tratamento e interpretação.

A análise de conteúdo categorial possui técnicas mais antigas e é a mais usada entre os pesquisadores. Tem o objetivo de analisar dados provenientes das comunicações, além de ser uma metodologia feita para interpretar conteúdo, reconhecendo a não neutralidade entre pesquisador, objeto e o contexto da pesquisa, ainda assim mantendo sua validade científica e o seu rigor metodológico (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021).

As categorias analíticas interpretadas foram as já citadas: I. cidadão revolucionário insurgente; II. valorização da cultura e identidade periférica; III. ocupação e uso popular dos espaços urbanos e; IV. ocupação popular política.

Vale ressaltar que os participantes entrevistados estavam cientes do objetivo da pesquisa com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ademais, todos os dados foram tratados com máxima integridade sem fabricação ou falsificação de informações.

O fluxograma a seguir sintetiza os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Figura 2 – Fluxograma metodológico

Fonte: dados do estudo, 2025.
Elaboração: Autores, 2025.

4 Resultados e discussão

4.1. Os movimentos de resistência do Complexo Baianão

Os movimentos de resistência do Complexo Baianão (quadro 1), foco do presente estudo, apresentam uma outra cidade a partir do olhar periférico com o apelo urbano por novas realidades territoriais. Perspectivas similares estão presentes na constituição de cada um destes coletivos populares.

Quadro 1 – Movimentos de resistência entrevistados

Movimento	Ano inicial de atuação
Ateliê Cultivo de Poesia	2023
Batalha do Complexo	2017
Brasil Chama África	2007
Café dos Pretus	2023
Coletivo Jovem Muká Mukáú	2015
Levante Popular da Juventude - Porto Seguro	2016
Movimento Lambe Lambe Porto Seguro	2019
Movimento LGBTQIAPN+ Porto Seguro	2020
Rua Juventude Anticapitalista - Porto Seguro	2018
Sarau Odara	2023

Fonte: dados do estudo, 2025.
Elaboração: Autores, 2025.

O movimento *Brasil Chama África*, o mais antigo dos movimentos estudados nesta pesquisa, teve início em 2007, em um momento em que a filha da fundadora passou por situações de racismo na escola de ensino fundamental, sendo chamada de “carvão vegetal”, perdendo o interesse em ir para aula.

Após o ocorrido, surgiu uma intensa movimentação que culminou na fundação do coletivo e na convocação de uma assembleia municipal para discutir as questões raciais na cidade, reunindo diversas entidades, professores de escolas das periferias do Complexo Baianão e de outros bairros, associações culturais e demais indivíduos que passaram por situação de racismo, incluindo nos ambientes de trabalho do setor de turismo. Como resultado foi instaurado o Conselho de Igualdade Racial em Porto Seguro.

Desde então o movimento *Brasil Chama África* articula junto a outros movimentos e representatividades os direitos da população negra e periférica de Porto Seguro, ocupando espaços nos conselhos, buscando apoio na educação e na cultura para levar justiça à cidade. Segundo a fundadora do coletivo, os visitantes ainda enxergam os trabalhadores negros e periféricos do turismo como serviçais e subservientes.

Esse primeiro movimento relaciona-se às inferências de Tanaka (2006) e Reis (2021) pois demonstra que não apenas o fator econômico foi responsável pela segregação na cidade, estando também associado a elementos socioculturais raciais que elevam o preconceito, fazendo surgir mobilizações populares.

O *Coletivo Jovem Muká Mukáu* teve início em 2015, com uma atuação voltada prioritariamente ao combate à degradação ambiental, à especulação imobiliária e ao racismo ambiental em Porto Seguro, descentralizando o debate sobre o meio ambiente dos espaços centrais e das mãos de pessoas brancas e levando para as pessoas negras e periféricas que segundo o coletivo são as que mais sofrem com as problemáticas ambientais na cidade.

O movimento dedicado à conscientização ambiental nas periferias leva a informação de que os impactos ambientais causados pelas empresas de turismo na cidade de algum modo reverberam negativamente na vida das pessoas segregadas.

Por meio da concepção de Harvey (2014) é possível interpretar que os impactos ambientais sentidos por esses jovens em suas periferias são o alerta para mudança e conscientização social. Dessa forma, esse movimento emerge do olhar popular sobre uma cidade disfuncional cujo capitalismo predatório prejudica os mais vulneráveis.

Já o *Levante Popular da Juventude* é um coletivo nacional que tem atuação em Porto Seguro desde 2016 por meio de estudantes da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA).

O *Levante Popular da Juventude* busca criar espaços seguros para os jovens da periferia, por meio de cursinhos populares, rodas de diálogo e discussão. Durante a pandemia outras ações foram feitas,

como o plano de dignidade alimentar e apoio psicossocial para os profissionais atuantes no turismo, que foram demitidos em massa na cidade. Atualmente o movimento encontra-se fragilizado devido a absorção dos seus integrantes pelo mercado turístico, havendo a necessidade de trabalhar e a ausência de tempo para atuação no coletivo.

Lefebvre (2001) aponta que uma das principais estratégias da revolução urbana é quebrar o domínio das ideologias hegemônicas que se instalam nos territórios. Nesse sentido, este movimento corrobora com essa ideia ao promover educação e diálogo político entre as pessoas marginalizadas.

A *Batalha do Complexo* foi iniciada em 2017 por alguns MCs (Mestre de Cerimônia) do Complexo Baianão. Ocorria principalmente nas escolas do Complexo e pela transmissão das rimas em canais do Youtube com objetivo de relatar o cotidiano da periferia e dos seus moradores.

Atualmente a Batalha acontece nas Praças do Complexo Baianão, principalmente na Praça do Trabalhador (atual Praça da Família), reúne MCs que duelam com rimas que denunciam a desigualdade social em Porto Seguro e incitam o poder popular, atraindo famílias, jovens e adultos para prestigiar e refletir sobre as falas.

Os integrantes desse movimento se definem como um coletivo de resistência cultural que resiste aos apagamentos provocados pelo turismo, à violência e às dificuldades, mas também falam de sonhos, alegrias e promovem entretenimento através da construção coletiva de rimas.

Lefebvre (1999; 2001) argumenta que os conhecedores das mazelas sociais são os mais aptos à promoção de novas realidades para a justiça urbana. Com base nessa ótica, os participantes da *Batalha do Complexo* se enquadram nesse cenário de jovens homens e mulheres negros em uma vivência do cotidiano periférico, do qual as rimas nascem, simultaneamente como manifestação e construção de um futuro social.

O movimento *Rua Juventude Anticapitalista* de Porto Seguro também faz parte de um coletivo nacional atuante na cidade de Porto Seguro desde 2018 por meio de ações de estudantes universitários.

Esse coletivo tem o objetivo de debater pautas antirracistas, discutindo o genocídio dos povos negros, a falta de acesso a cultura, o capitalismo predatório no município, a exploração na escala 6 x 1 no trabalho em turismo. Havendo intervenções por meio de atos, manifestações em ruas e saraus culturais, tanto na periferia quanto em espaços onde circulam os turistas.

O desenvolvimento desigual provocado pelo turismo em Porto Seguro (Fonseca et al., 2022) fez com que os grupos periféricos mais atingidos passassem a criticar a estrutura social e econômica que rege a cidade. Diante disso, o movimento *Rua Juventude Anticapitalista* manifesta-se em oposição ao trabalho precário no turismo, o qual, segundo Harvey (1980; 1989) constitui historicamente uma das principais engrenagens de controle social e reprodução do capital.

Outro movimento estudado, o *Lambe Lambe Porto Seguro* nasceu em 2019 quando sua fundadora participou de saraus culturais, eventos de hip-hop e outros movimentos periféricos da cidade e observou

a inexistência de apoio e de verba por parte da prefeitura em relação à cultura local. A partir disso, começou a fazer lambes (mensagens de impacto em folhas de papel) e pregar em postes e áreas públicas denunciando esses e outros descasos que as pessoas marginalizadas e segregadas passam, principalmente as que trabalham com cultura na região e dependem de editais públicos.

Atualmente o *Lambe Lambe Porto Seguro* além das denúncias busca expressar o que eles chamam de cena 073 (prefixo do DDD local) demonstrando através dos lambes nos postes, em praças e em muros uma outra Porto Seguro que as agências de viagem não vendem e que os turistas não veem.

Analisando esse movimento à luz das teorias de Lefebvre (2001) e Harvey (2014), nota-se que a revolução urbana se constrói no cotidiano por meio de três frentes: o enaltecimento de eventos e tradições da periferia, a resistência articulada pela comunicação por popular e a retomada de dimensões socioculturais encobertas pela estrutura capitalista.

Já o *movimento LGBTQIAPN+ de Porto Seguro* é atuante na política de Porto Seguro desde 2020, com a inserção de uma pessoa da comunidade LGBT em um partido político, tornando-se a primeira travesti negra a presidir um partido no país.

Os componentes desse movimento formaram uma candidatura coletiva pleiteando o cargo de vereador no ano de 2020, sendo a primeira candidatura coletiva LGBTQIAPN+ de Porto Seguro. Além disso, uma representante do movimento candidatou-se à Prefeitura de Porto Seguro em 2024 como uma das 3 únicas candidatas travestis em todo o país.

O movimento tem como foco ocupar espaços políticos que são negados para a população periférica LGBTQIAPN+, assim como reivindicar por dignidade social e oportunidade de trabalho. Para o coletivo as empresas turísticas se negam a contratar pessoas LGBTQIAPN+ e periféricas, principalmente transexuais e travestis, o que eleva o índice de subemprego, de prostituição e de desigualdade para essa população no município.

Para Harvey (2014), os grupos LGBTQIAPN+ figuram como potenciais transformadores da realidade periférica urbana, tendo em vista o contexto histórico de marginalização e de resistência social dessa comunidade. Nesse sentido, a candidatura política, mesmo diante da derrota nas urnas, abre caminhos para ocupação de espaços centrais de decisão, conforme sugere Lefebvre (2001) ao teorizar que o direito à cidade pressupõe a participação ativa na produção e no controle do espaço urbano.

O *Ateliê Cultivo de Poesia* surgiu em 2023, diante da necessidade de um espaço em Porto Seguro que levasse literatura e poesia para as pessoas periféricas. O nome desse movimento surge da realidade do fundador do projeto, a qual se equipara à história de muitos moradores da cidade: uma origem rural, pautada no contato e cultivo da terra, que na contemporaneidade se traduzem na sobrevivência urbana.

Inicialmente esse movimento foi pensado como um projeto para a Lei Paulo Gustavo (LPG) no município, porém mesmo não sendo contemplado os integrantes deram prosseguimento ao projeto através de parcerias com as escolas do Complexo Baianão, assim como parceria com a Secretária de

Assistência Social, tendo em vista a realidade e a necessidade artística de levar arte e poesia crítica para a periferia segundo o entrevistado.

Para Lefebvre (1999; 2001), as ruas devem figurar como a manifestação das necessidades urbanas, assim como as artes devem constituir a expressão da sociedade. Desse modo, o *Ateliê Cultivo de Poesia* propõe, por meio da poesia crítica, uma revolução sobre a realidade citadina, desvelando as trajetórias pessoais, os dilemas e os sonhos dos jovens periféricos.

Em 2023 também foi criado o movimento *Café Dus Pretus*, por meio de um encontro entre amigas e amigos negros em sua maioria cotistas da UFSB Campus Porto Seguro.

Esse movimento surgiu com o propósito de realizar reuniões particulares, mas, aos poucos tomou grandes proporções diante da ausência de espaços acolhedores para pessoas negras e periféricas no município de Porto Seguro. Com base nas informações do entrevistado, a última edição realizada até o momento da entrevista contou com aproximadamente 97 participantes, que buscavam um ambiente de aquilombamento, cultura e encontro comunitário popular.

Conforme Tesfahuney e Ek (2024) e Reis (2021), a urbanização turística transforma os locais, centraliza a atuação nas atividades e indivíduos que promovem o retorno financeiro e invisibiliza os grupos de menor interesse, nesse caso, a população negra periférica.

As ações do *Café Dus Pretus* refletem-se na criação de um espaço antagônico à dinâmica exploratória e segregadora presente no turismo de Porto Seguro, consolidando um ambiente de lazer acolhedor e socialmente representativo segundo as teorias de Lefebvre (2001) e Harvey (2014).

O movimento *Sarau Odara*, por sua vez, surgiu da iniciativa de seu fundador, que residia anteriormente na Zona Leste de São Paulo e participava do movimento hip-hop, de saraus de poesia e slams (competições de poesia falada com teor de protesto), vivenciando um cenário de contracultura, lazer e manifestação política. Ao se mudar para Porto Seguro, o idealizador percebeu algumas movimentações culturais semelhantes nas periferias, as quais, contudo, eram carentes de impulsionamento e de apoio.

O *Sarau Odara* estabeleceu-se na Praça da Bandeira, localizada no Centro da cidade. Esse espaço, historicamente neutro em relação a violência de facções e à criminalidade, costuma ser majoritariamente ocupado por turistas. Com o movimento a praça passou a ser tensionada e ocupada por jovens do Complexo Baianão e de outras periferias, os quais buscam manifestar-se culturalmente por meio de rimas, música, poesia e performances artísticas.

A partir dos apontamentos de Harvey (1980; 1989; 2014) observa-se que esse movimento consiste na ocupação de um espaço negado à população periférica. Conjuntamente, configura-se como um entretenimento popular e uma ferramenta social que evidencia aos visitantes a existência de outras realidades na cidade distantes da urbanização fabricada para o turismo.

Em suma, os movimentos analisados constituem formas de resistência à hegemonia capitalista, responsável por produzir segregação e o preconceito contra a população periférica. Essa oposição se materializa, fundamentalmente, por meio de intervenções de caráter cultural e político, convergindo com as perspectivas teóricas de Harvey (1980; 1989; 2014) e Lefebvre (1999; 2001) que fundamentam essa investigação.

Trata-se de grupos que ao ocuparem os espaços urbanos, articulam a arte, a educação e a sensibilização política como ferramentas de protesto e de reivindicação por uma nova cidade. Conforme demonstram Lefebvre (1999; 2001) e Harvey (2014), a revolução urbana se manifesta a partir de múltiplos atores e sob diferentes formas, todos mobilizados pela retomada de seus próprios territórios.

Verifica-se que a maior parte dos movimentos identificados emergiu na última década, em paralelo à expansão do turismo na cidade. Esse fenômeno evidencia a manifestação da revolução urbana frente a um modelo de desenvolvimento turístico que, como aponta Oliveira (2022), atua em simbiose com os processos de segregação e de acirramento das desigualdades socioespaciais na localidade.

4.2 A atuação dos movimentos sociais do Complexo Baianão

Para Lefebvre (1999; 2001), Harvey (2014) e Reis (2021), o cidadão revolucionário insurgente é aquele que vive e conhece a realidade do oprimido, é capaz de identificar as incongruências do seu território e a partir disso unir forças e lutar para reivindicar melhorias e ao mesmo tempo retomar para si o poder e a centralidade das ações que dizem respeito ao território.

Dessa forma, os movimentos estudados e suas ações conforme indica a figura 3, apontam a potencialidade de transformação da coletividade popular.

Figura 3 – Recorte de ações dos movimentos estudados



Fonte: Autores, 2024.

As ações de forma mais detalhada dos movimentos sociais estudados são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 – Síntese das realidades e estratégias dos movimentos sociais revolucionários

Movimento	Realidades do segregado/periférico	Estratégias de resistência
Ateliê Cultivo de Poesia	Ausência de espaços de lazer e arte; violência com a população preta e periférica.	Educação artística através da poesia; debate e conscientização sociopolítica por meio da poesia.
Batalha do Complexo	Racismo; distanciamento físico e social; violência e criminalidade.	Resgate de jovens e crianças através da cultura hip-hop; Exposição da realidade periférica por meio das rimas; autonomia e empoderamento da população periférica.
Brasil Chama África	Racismo e violência dos empresários e turistas; branqueamento do território; violência policial.	Articulação de denúncias para apoio a vítimas de racismo no turismo; manifestações palestras e oficinas voltadas ao povo negro e periférico sobre sua origem e seus direitos.
Café dos Pretus	Turistas enquanto protagonistas do território; ausência de espaços em que a população negra e periférica se sinta confortável.	Proporcionar espaço de acolhimento e protagonismo para pessoas negras e periféricas.

Coletivo Jovem Muká Mukáú	Racismo ambiental nas periferias; especulação imobiliária; trabalho exploratório no turismo.	Ativismo e educação ambiental anticapitalista com jovens e crianças de espaços periféricos.
Levante Popular da Juventude - Porto Seguro	Violência contra os jovens; falta de acesso a serviços básicos, como educação e saúde.	Educação popular e cursos gratuitos de capacitação e mobilização no Complexo Baianão; enfrentamento por meio de manifestações e denúncias do avanço do capitalismo predatório.
Movimento Lambe Lambe Porto Seguro	Invisibilidade sociocultural.	Comunicação de impacto por mensagens escritas que apresentam a Porto Seguro periférica e segregada.
Movimento LGBTQIAPN+ Porto Seguro	Falta de representatividade periférica e LGBTQIAPN+ na política; preconceito e violência contra a comunidade LGBTQIAPN+.	Acesso a espaços de decisão; manifestações e intervenções públicas populares LGBTQIAPN+.
Rua Juventude Anticapitalista - Porto Seguro	Subemprego de jovens negros no turismo; negligência na educação, saúde, mobilidade urbana e segurança.	Intervenção política e educacional nas ruas da cidade e nas escolas.
Sarau Odara	Apagamento cultural e anulação territorial.	Intervenção artística com teor social e político no Centro da cidade.

Fonte: dados do estudo, 2025.

Elaboração: Autores, 2025.

O reflexo da desigualdade nas periferias é sentido pelo movimento *Ateliê Cultivo de Poesia* que expressa as incoerências existentes em Porto Seguro, como o fato dos bairros do Complexo Baianão não possuírem muitas opções de lazer para seus moradores.

O movimento em questão pauta-se na realidade do Complexo Baianão, onde a privação de equipamentos públicos de lazer é confrontada pela resiliência de uma população que tece, no cotidiano, suas redes de sobrevivência. Os bares, os encontros nas praças e o uso social do espaço urbano transformam-se na inspiração para jovens poetas. Esses sujeitos, ao politizarem suas vivências pela poesia, convertem o espaço periférico em um lugar de insurgência cultural, desenhando o futuro da cidade por meio da retomada do direito à cidade, conforme preconizam Lefebvre (2001) e Harvey (2014).

Na perspectiva do Movimento *Batalha do Complexo*, o racismo foi potencializado pela segregação que o turismo predatório gerou em Porto Seguro, com a desvalorização da população local em detrimento dos turistas, um distanciamento que é físico, mas também cultural.

A forma como esse movimento retoma para si a cidade são as rimas nas batalhas de hip-hop. Por meio delas são feitas críticas à desigualdade gerada pelo turismo e a exploração trabalhista. Desse modo, o fator de isolamento torna-se motivo de força e enfrentamento, os indivíduos periféricos são conectados por meio dos elementos similares que os unem: população trabalhadora e refém de um sistema exploratório, como aponta Harvey (1980; 1989; 2014) e Lefebvre (1999; 2001).

O movimento *Brasil Chama África* atua no enfrentamento ao racismo estrutural e às discriminações que marginalizam a população periférica de Porto Seguro. A atuação do grupo visa dar visibilidade aos moradores do Complexo Baianão e regiões adjacentes, historicamente submetidos a dinâmicas de opressão racial, espacial e econômica. Essas assimetrias se manifestam no cotidiano da cidade e, em consonância com a crítica de Harvey (2014) e Reis (2021) à precarização, revelam-se de forma aguda nos contextos trabalhistas locais.

Nesse sentido, atuam para ampliar a conscientização nas periferias por meio de palestras, rodas de conversa e manifestações, principalmente em datas simbólicas, como o Julho das Pretas e o Novembro Negro, e acreditam que uma das soluções para autonomia popular da população periférica de Porto Seguro pode ser o Turismo de Base Comunitária.

Sob a mesma ótica, o movimento *Café das Pretas* tensiona a mercantilização e a segregação dos espaços de lazer que excluem a população negra e periférica do Complexo Baianão e adjacências. Embora a periferia concentre o maior contingente populacional de Porto Seguro, seus moradores enfrentam uma barreira invisível nas programações das barracas de praia e dos grandes eventos urbanos. Esse distanciamento se dá tanto pela barreira econômica dos preços abusivos quanto pelo estranhamento cultural em relação a um turismo que embranquece o espaço e invisibiliza a identidade da maioria local, gerando o que Lefebvre (2001) e Tesfahuney e Ek (2024) conceituam como alienação do espaço urbano.

Desse modo, o *Café das Pretas* proporciona um novo espaço para a população, com símbolos e características que tem real significado para elas: atrações culturais gratuitas ou com valor comunitário; lazer e entretenimento para quem normalmente não o tem; lugar que acolhe pessoas negras e periféricas, jovens do ensino médio, estudantes universitários, artistas e população em geral que se sentem representados e se reconhecem socialmente. Diferente dos espaços turísticos da cidade que promovem a anulação dessa população.

Por sua vez, o *Coletivo Jovem Muká Mukaú* atua por intermédio do ativismo ambiental na periferia. Segundo eles, um dos principais problemas na cidade é o racismo ambiental, fruto da especulação imobiliária de empresas turísticas que destroem o meio natural. Sendo assim, os principais impactos recaem sobre a população periférica negra e indígena que habita bairros desestruturados e são os primeiros a sofrer os efeitos dos desequilíbrios ambientais.

Esse coletivo atua na articulação de uma pedagogia urbana e ecológica. Nas escolas, o grupo dialoga com crianças e jovens; nas praças e logradouros públicos, mobiliza a população adulta. O objetivo dessas ações é denunciar a degradação ambiental como um reflexo direto da espoliação provocada pelo capitalismo neoliberal no município, transformando o espaço público, como preconiza Lefebvre (1999; 2001) em um palco de disputa, conscientização e construção de alternativas ecológicas e sociais.

A experiência pedagógica do *Levante Popular da Juventude* no Complexo Baianão ilustra o que Harvey (2014) identifica como a articulação de práticas contra-hegemônicas fundamentais para a

contestação da ordem urbana capitalista. Ao oferecer aulas populares para jovens vestibulandos e adultos no bairro Frei Calixto, o movimento não apenas mitigava a exclusão educacional, mas construía o que o geógrafo conceitua como "espaços de esperança". Nesses ambientes, as problemáticas socioespaciais das periferias eram debatidas de forma indissociável das disciplinas básicas, forjando uma consciência de classe e territorial que transforma alunos em agentes ativos na busca por uma realidade urbana justa e emancipada

Já o movimento *Lambe Lambe Porto Seguro* parte da realidade de invisibilidade sociocultural que o Complexo Baianão e região enfrentam. Suas ações giram em torno de mostrar a potencialidade cultural da periferia e dos seus moradores; atuam divulgando outros coletivos periféricos que fazem intervenções culturais; desmistificam a Porto Seguro artificial e apresentam uma cidade sem atenção do poder público.

A atuação política do movimento *LGBTQLAPN+* configura uma prática de resistência que desafia as geografias da exclusão urbana. Ao pleitear candidaturas e tentar ocupar cadeiras no legislativo e nos conselhos municipais, o coletivo subverte o bloqueio de espaços públicos negados à comunidade. Sob essa ótica, a presença desses corpos dissidentes desestabiliza uma dinâmica urbana que em consonância com a crítica de Harvey (2014) sobre a mercantilização da cidade se vende como um cenário paradisíaco para o consumo do turista, mas encarcera a população local em postos de trabalho precarizados e subalternos.

O movimento *Rua Juventude Anticapitalista* de Porto Seguro questiona, fundamentalmente, o subemprego direcionado à população periférica do Complexo Baianão. O grupo denuncia a inserção compulsória desses trabalhadores em funções precarizadas do setor turístico como vendedores ambulantes, barmans, garçons *freelancers*, camareiras e recepcionistas contratados por diárias, atividades caracterizadas pela baixa remuneração e pela informalidade. Em conformidade com as teses de Harvey (1980; 2014) sobre a flexibilização do trabalho no capitalismo tardio, essas ocupações privam os sujeitos de garantias trabalhistas básicas, fazendo com que as manifestações e os atos públicos se constituam como as principais táticas de atuação territorial desse movimento na disputa pela cidade.

Por fim, o *Sarau Odara* como um dos coletivos mais recentes na cidade, busca articular toda a pluralidade de indivíduos marginalizados do Complexo Baianão e de outras áreas periféricas com a finalidade de programar encontros culturais independentes do turismo, gratuitos e que condizem com a realidade financeira desses moradores. Esse coletivo se encarrega de proporcionar espaço para que os artistas periféricos apresentem suas produções, ora rejeitadas e também segregadas pelo setor turístico hegemônico.

Os participantes do Sarau reivindicam a potência do Complexo Baianão não apenas como margem, mas como um território propulsor da dinâmica urbana de Porto Seguro. O bairro assume-se como um espaço vivo de sociabilidade popular, efervescência cultural e formação de consciência política, dimensões que, conforme apontam Pinassi (2023) e Tanaka (2006), caracterizam a resistência popular.

Sob essa ótica, o Sarau subverte a lógica da segregação capitalista ao transformar o cotidiano periférico em um polo produtor de cultura e de ativismo, aproximando-se do que Lefebvre (2001) define como a apropriação do espaço social pelas classes populares.

Considerações Finais

A segregação socioespacial ocorre em razão do desenvolvimento desigual de uma economia capitalista que preza pelo lucro em detrimento do bem-estar social. Ademais, esse processo reproduz padrões colonialistas revelados no espaço, os quais sustentam o preconceito e a discriminação. Essa é a realidade do destino estudado, que forja a cidade turística enquanto repele os moradores periféricos para as margens urbanas.

Ao analisarmos a resistência da periferia por meio das estratégias contra a segregação socioespacial em Porto Seguro, foram identificados dez movimentos sociais e populares no Complexo Baianão que emergem como agentes dessa revolução urbana.

Essa revolução foi iniciada nas ruas e praças do conjunto de bairros e aos poucos está se ramificando para outros espaços da cidade. O intuito é a retomada dos espaços que foram expropriados, da autonomia ora perdida, bem como da valorização da identidade periférica.

Os resultados revelam que esses coletivos operam por meio de intervenções culturais, pedagógicas e políticas, como saraus, rimas, cursinhos populares e pleitos institucionais, contestando o subemprego, o racismo estrutural e a invisibilidade decorrentes do turismo mercantilizado.

Dessa forma, ao alcançar o objetivo central desta pesquisa, conclui-se que os movimentos de resistência do Complexo Baianão enfrentam a segregação socioespacial a partir de suas percepções e vivências críticas acerca da injustiça territorial. Essas leituras da realidade se transformam em intervenções sociais, políticas e culturais compatíveis com a perspectiva da revolução urbana.

Ademais, o próprio Complexo Baianão se impõe enquanto um território de resistência dentro de Porto Seguro. Sua realidade constantemente apagada pelas projeções da atmosfera turística resiste nas simplicidades do cotidiano e são valorizadas pela população através dos movimentos que manifestam a autoafirmação da periferia como o verdadeiro centro cultural e social da cidade de Porto Seguro.

Como limitação, esta pesquisa assume o caráter espacialmente localizado de sua empiria, circunscrita a uma periferia turística do Nordeste brasileiro. Todavia, esse recorte não reduz o alcance de suas contribuições teóricas, que propiciam um novo prisma analítico para os estudos urbanos. Diferenciando-se da literatura hegemônica, que frequentemente se restringe a diagnosticar as causas e os impactos espaciais das desigualdades, este trabalho debruçou-se sobre a agência e as estratégias de resistência dos movimentos periféricos. Assim, mediante uma abordagem interdisciplinar, a pesquisa joga luz sobre um objeto historicamente negligenciado nas análises do espaço urbano mercantilizado.

Destarte, novos estudos de caráter comparativo em municípios turísticos de diferentes portes revelam-se promissores para o campo das análises urbanas. Investigar as assimetrias e convergências entre as práticas desses movimentos, a efetividade de suas ações, bem como as contradições e resistências geradas por esses grupos, torna-se crucial diante da ofensiva neoliberal que se consolida nos territórios. Essa agenda de pesquisa é fundamental para mapear as fraturas do espaço urbano mercantilizado e as reais possibilidades de construção do direito à cidade, conforme sustentam Lefebvre e Harvey.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ARAÚJO, C. P.; SANTOS, D. B. M. A produção do espaço pelo turismo no litoral de Pernambuco. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 11, n. 1, p. 1–16, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Destinos nacionais mais procurados pelos foliões no carnaval**. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/confira-os-destinos-nacionais-mais-procurados-pelos-folhoes-para-o-carnaval>. Acesso em: 2 abr. 2026.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

FONSECA, M. A. P.; COSTA, W. F.; FAGERLANDE, S. M. R.; TODESCO, C. Urbanização e desenvolvimento desigual do turismo no litoral brasileiro. **Mercator**, v. 21, p. e21013, 2022.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, v. 18, n. 00, p. 1-18, 2023.

MULLINS, P. Tourism urbanization. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 15, n. 3, 1991.

OLIVEIRA, L. F. Turismo e segregação socioespacial: o caso de Porto Seguro – Bahia. **Geoapauta**, v. 6, n. 1, p. 1–20, 2022.

OLIVEIRA, E. M.; TARIFA, J. R. Segregação socioespacial em Jataí: um olhar sob a perspectiva de apropriação do solo urbano. **Scientific Archives Electronic**, v. 15, n. 6, p. 69–76, 2022.

OLIVEIRA, S.; GUIMARÃES, O. M.; FERREIRA, J. L. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Linhas**, v. 24, n. 55, p. 210-236, 2023.

PINASSI, A. El patrimonio como lugar de resistencia en localidades rurales de Argentina. In: CAÑADA, E.; GASCÓN, J.; MILANO, C. (org.). **Turismo popular: propuestas y debates**. Barcelona: Alba Sud, 2023.

REIS, C. A periferia da periferia e o pensamento de Antonio Gramsci. **O Social em Questão**, v. 51, n. 1, p. 67–86, 2021.

TANAKA, G. M. **Periferia**: conceito, prática e discursos, práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-26052010-133856/pt-br.php>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TESFAHUNEY, M.; EK, R. The tourismocene: Barcelona, overtourism and the spatial futures of the polis. In: **Springer Nature Link**, v. 9, n. 11, p. 345–374, 2024.